PERO COELHO DE SOUSA NO CEARA'

(A Themistocles Machado)



BRAZIL passára desde 1581 ao dominio da Hespanha. Diogo Botelho fôra o primeiro governador geral do Brazil nomeado pelo novo rei Felippe III de Hespanha e II de Portugal, que succedêra no throno a seu pae Felippe II, fallecido em 1598.

Anteriormente a 1585, no governo de Luis de Brito e Almeida, um rico proprietario de Pernambuco, Fructuoso Barbosa, levado pelo incentivo de ser capitão-mór e de usufruir durante dez annos todas as rendas da nova capitania da Parahyba, duas vezes tentou conquista-la e duas vezes foi infeliz.

Nessa tentativa muito o auxiliou seu cunhado Pero Coelho de Sousa, natural das Açores, homem nobre, morador na mesma capitania, conquistada definitivamente desde aquelle anno.

Tencionando este recuperar em parte a perda que naquella empresa soffrêra, e entendendo que podia fazer á sua custa a conquista de outros rios e terras adeante, espe-

cialmente da Ibiapaba, que era a mais habitada dos gentios, terras cujas descripções se faziam de modo maravilhoso pela sua uberdade e riquezas naturaes, pediu a necessaria licença ao governador geral Diogo Botelho, que lha concedeu em Maio de 1603.

Muitas pessôas se offereceram para acompanhar a expedição, e logo munido da patente de capitão-mór das conquistas que fizesse, e da promessa de serem-lhe remettidos os soccorros de que viesse a precisar, mandou Pero Coelho que tres barcos com mantimentos, polvora e munições o fossem esperar no rio Jaguaribe, e elle partiu por terra da Parahyba em Julho daquelle anno com 65 soldados, dos quaes os principaes eram Manoel de Miranda, Simão Nunes, Martim Soares Moreno, João Cide, João Vaz Tataperica e dois linguas, Pedro Cangatan e o francês Tuim mirim.

Marcharam mais 200 Indios frecheiros, os tabajaras sob as ordens dos principaes Mandiopûbba, Batatam e Caragatin, e os petiguares obedeciam a Garãquinguira.

O Barão de Porto Seguro escreve á pag. XIV do *Post Facio,* annexo a *Historia das lutas com os Hollandezes no Brazil,* que «Coelho partiu da Parahyba em Julho de 1603, e parte da expedição foi por terra ás ordens dos capitães Martim Soares Moreno, Simão Nunes e Manoel de Miranda».

Não é exacto; pois que Martim Soares na sua Autobiographia, (*) escripta em 1618, diz: «sendo de pouca idade passei ao Brazil por soldado em companhia do Governador Diogo Botelho, logo que cheguei fui com o capitão Pero Coelho de Sousa a descobrir e conquistar a provincia de Yaguaribe, Seara e Mel Redondo servindo de soldado, onde tivemos guerra com os indios que eram infinitos e tinham muitos francezes em sua companhia». Donde se conclue que nessa entrada não pas-

---

(*) Preciosissimo documento, que o Barão de Studart teve a bondade de mostrar-me, do qual extrahi alguns trechos.

sou Martim Soares de simples soldado, como elle mesmo o confessa.

Berredo escreve que Coelho pôz-se em marcha em Junho.

Caminhando por suas jornadas, diz Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brazil*, livro segundo, capitulo XXXVIII, chegarão ao rio Jaguaribe, onde acharão os barcos dos mantimentos, daly mandou o capitão Pero Coelho um soldado com 70 indios a descobrir campo, os quaes tomaram um que andava a comedia, do qual se soube que os seus estavão em arma, e em nenhum modo querião pazes com os brancos; com tudo o contentou o capitão com foices, machados e facas com que o mandou que os fosse apaziguar, como foi, e ao dia seguinte tornou em busca de um nosso Lingua com quem se entendessem, o qual lhe soube dizer taes coisas, e era gentio tão facil e desapropriado, que deichando suas casas e Lavouras se vierão com mulheres e filhos dizendo que não querião sinão pazes com os brancos christãos e acompanhalos por onde quer que fossem; o mesmo fizerão depois os de outra Aldea a imitação de estoutros, e forão todos marchando até o Ceará.

Vê-se destas palavras o que succedêra a Pero Coelho, que tendo saido da Parahyba, tocou no Jaguaribe, onde se demorou alguns dias, e dahi seguiu para o Ceará, como narram o mesmo escriptor e Diogo de Campos Moreno, capitão e sargento-mór do Estado do Brazil, á pagina 160 da sua *Jornada do Maranhão*, que o acompanhou por ordem do governador Botelho, em cujo trajecto encontraram sempre segura acolhida dos indigenas.

Porto Seguro, no referido *Post Facio*, contestando ao senador Candido Mendes, que pretende terem-se estabelecido Coelho e os seus no ponto do Mucuripe, diz que elles da Parahyba marcharam sempre pela praia até o Camocim, quando não ha mais duvida de que a expedição estacionára naquelles dois logares pela necessidade de captar a amizade dos naturaes, ao certo petiguares,

que batidos na Parahyba e Rio Grande, ultimas terras habitadas, vinham-se internando para o norte, e por alli se haviam refugiado de preferencia.

Equivocou-se o senador Candido Mendes; Pero Coelho nunca se deteve no porto do Mocuripe, que se bem o denominasse Gabriel Soares, dezaseis annos antes, enseada do Macorive, no mappa (*) attribuido áquelle capitão-mór vem desenhado Ponta de S. Bartholomeu, o que prova que por alli passou ligeiramente, e ignorando o nome que já lhe haviam dado os indios, deu-lhe outro.

Não menos sem razão é a opinião do coronel João Brigido em suppôr, nas *Ephemérides*, tratando do anno de 1603, que Pero Coelho, na sua passagem, fizera em Jaguaribe o presidio conhecido por S. Lourenço, o que indicava ter alli chegado no dia 10 de Agosto; pois que sendo o seu destino a conquista das terras do Maranhão, não tinha elle necessidade de fortificar-se naquellas paragens, onde nem ao menos havia encontrado opposição dos Indios, que, pelo contrario, promptamente se offereceram para acompanha-lo por toda a parte.

Logo que chegaram a barra do rio, anteriormente, Pirangy, como se nota do alludido mappa, para onde se passaram os petiguares que habitavam a Aldeia **Sizra,** entre a ponta de S. Bartholomeu (Mocuripe) e aquelle rio, a que deram o mesmo nome da Aldeia, quasi logo corrompido para **Siara,** demoraram ahi emquanto descansavam as mulheres e creanças, e se reuniam outros Indios que da melhor vontade alistavam-se para a expedição, proseguiram a marcha até o oiteiro, que depois chamaram dos côcos, hoje Siupé, onde segundo a tradição foi o primeiro logar em que se plantaram coqueiros, de cuja terra tirou sesmaria, em 15 de Oitubro de 1682, Felippe Coelho de Moraes, soldado que veiu para

(*) Outro documento de grande valor para a historia do Ceará que possue o Barão de Studart, o qual teve a delicadeza de mostrar-m'o.

esta capitania, por occasião da retirada dos Hollandêses em 1654, onde ficou assistindo por pratico da lingua do Gentio, como consta do requerimento em que pediu a a do sitio Caracú (entre Mondubim e Maranguape) em 15 de Julho de 1682.

No mappa de Pero Coelho vem em seguida ao rio Pirangy o rio Siupé, e proximo o logar Barreiras, o que quer dizer que entre a meia duzia de nomes das terras desenhadas no mesmo mappa, já era conhecido este.

Dalli caminhando sempre pela costa foram ter á enseada grande do Ambar, depois Parameri ou Paramerim, depois Parasinho e hoje Paracuru, á foz do rio Curu, antigo Tarari do mappa, depois da de Mocuripe a maior, que offerece excellente porto por ser muito limpa e abrigada dos ventos de S. E. frequentes naquellas paragens.

Foi nesta enseada que 11 annos depois esteve Diogo de Campos Moreno (*Jornada do Maranhão,* paginas 182 e 183), da qual disse: tem para se povoar muitas mais commodidades que todos os outros logares até alli vistos.

Por essa occasião, o mesmo sargento-mór foi pelo rio Curu acima em um batel armado mais de cinco leguas por reconhecer aquellas terras e aguas, nas quaes não achou coisa de consideração, mas achou infinita caça e pescaria de que tudo aquillo abunda maravilhosamente, e assim neste logar somente se pode dizer que aquella gente não teve fome.

Mais adeante diz ainda: O Parameri pelo seu porto, terras e aguas para beber é o melhor de toda a costa.

Depois da demora snfficiente, seguiu a expedição até a matta do páo de côres, que chamão Iburâ quatiara, actualmente Jericácoára, nome aquelle que se deu ao logar pela abundancia do pau brazil, primeiramente denominado Arabutan por João de Lery, Oburatan por Thevet, Ybuira Pointan pelo Padre Ivo d'Evreux, presentemente Muyrá pitanga (pau vermelho), e em Pernambuco Ibirapitanga ou pau rosado.

A sciencia o classificou *Caesalpinia echinata*, Lam.

Sendo a matta, naquella região, composta em grande parte dessa cæsalpiniacea, attraía frequentes visitas dos carregadores estranjeiros, e por isso Diogo de Campos, que por alli estacionára de 30 de julho á 12 de Oitubro de 1614, com a força ao mando de Jeronymo de Albuquerque, diz á pagina 184 do seu livro, que aquelle ponto era muito demandado dos corsarios. O sargento-mór chama o pau brazil pao Cutiará, pagina 185.

Alli estivera tambem, 9 annos depois da passagem de Pero Coelho, de 12 a 24 de Julho de 1612, a frota ás ordens do sr. de Rasilly, que se destinava ao Maranhão, de cujo logar, posição, belleza e recursos naturaes deu bellissima descripção o Padre Claudio de Abbeville, á pagina 63 da *Historia da Missão dos Padres Capuchinhos.*

De Jericoácoára saiu a expedição, e depois de 8 dias de márcha, ao amanhecer do dia 19 de Janeiro de 1604 chegou ao Camocy, sendo logo presentida dos inimigos.

Pero Coelho dispôz immediatamente a força em duas divisões amparando no centro a bagagem, outra sob ás ordens de Manoel de Miranda, para as explorações que fossem necessarias, dezaseis soldados de reserva na retaguarda, e com nove soldados escolhidos tomou a dianteira, e nesta ordem proseguiam todos, quando á distancia de meia legua da serra da Ibiapaba, foram recebidos com muitas flexas dos indios e tiros de mosquete de sete francêzes, que lhe fizeram algumas baixas, e depois de duas horas de resistencia se levantou alli mesmo um arraial protegido pelas pedras, em falta de madeira, visto como o logar era secco e descampado.

Pela noite voltou o inimigo, e com grande algazarra atirava do alto da serra flexas e pedras de funda, que feriam os da tropa, e só cessou o assalto ás 3 horas da madrugada, quando caíu uma grande chuva,

que foi ao mesmo tempo de allivio para todos, principalmente para as creanças, que já começavam a morrer de sêde.

Ao clarear do dia descobriu-se proximo uma gruta, de donde saía um arroio, que os indios alliados tomaram por milagre, e logo mandou o capitão-mór matar um cavallo, que ainda restava para destribui-lo em rações aos soldados, não chegando para os demais, porque constava de cinco mil almas o pessoal da expedição.

Ás 10 horas ouviu-se na serra tocar uma trombeta, a que respondeu Tuim mirim, e tendo este obtido de Pero Coelho permissão para entender-se com os francêses, num alto proximo encontrou tres, que lhe disseram o chefe Jurupary-guassu ou assu, Diabo grande, aceitava a paz com a condição de serem-lhe entregues Manoel de Miranda e Pedro Cangatan, exigencia de uns mulatos da Bahia, que com elle se achavam, e explicando-lhes o pilôto a impossibilidade de poder ceder o capitão-mór, retiraram-se immediatamente, e pelas 2 horas desceram os da serra travando-se renhido combate, que durou até a noite, no qual perderam muitos dos seus.

A força expedicionaria teve 17 soldados mortos e alguns feridos.

Ao outro dia, deu ordem Pero Coelho para avançar serra acima, levando elle por um lado o grosso da força, e Manoel de Miranda por outro com 25 homens, e ás 12 horas foram sair junto a uma estacada, guarnecida pelo lado anterior de parapeito de pedra, de donde faziam fogo de mosquetaria uns dezaseis francêses sobre os sitiantes; mas estes batendo-os por todos os lados os desalojaram, ficando em seu poder a estacada, em cujas casas encontrou-se muita carne e legumes, que foi motivo de alegria para todos, pois que já se havia acabado a provisão de castanhas que lhes vinha servindo de sustento.

Nessa refrega morreram 2 soldados.

Após vinte dias de descanso, passou o capitão-mór a tomar o reducto do Diabo-grande, que ficava a um

quarto de distancia, e se bem que tivesse encontrado alguma resistencia, delle assenhoriou-se pondo em fuga precipitada os seus defensores, que foram refugiar-se, na estacada de Mel Redondo, o principal mais poderoso daquella serrania.

Resolveu o chefe da expedição acommetter a taba ou Aldeia de Mel Redondo, a mais forte, e que era construida de duas ordens de paus grossos, e tinha tres guaritas, pontos de defeza dos franceses e para isso mandou fazer uns pavezes, especie de escudos grandes que um exigia vinte homens para ser transportado, e assim abrigados atraz delles os soldados, foram-se aproximando até a cerca, onde cerrou-se a peleja que durou dois dias, no fim dos quaes fugiram os sitiados, caindo prisioneiros 10 franceses.

Ficaram fora do combate 3 soldados mortos, 14 feridos e muitos indios.

A força perseguiu os fugitivos durante quatro dias chegando até o rio Aratê, naturalmente o riacho que circumda o logar onde está de presente a villa de S. Benedicto e ahi erigiu-se novo arraial.

O local de S. Benedicto foi povoado antes que Ibiapina, teve começo por iniciativa do indio Jacob pelo fim do seculo XVIII, quasi em seguida á expulsão dos jesuitas.

Regressando a força, trouxe muitos Indios e um Principal chamado Ubaúna, tão estimado naquellas paragens, que apenas constou a sua prisão, os outros pediram pazes com a condição, de ser-lhes restituido Ubauna, o que de bôa mente cedeu o capitão-mór, fazendo ainda presente de foices e machados aos embaixadores.

Tres dias depois se apresentaram Mel Redondo e o Diabo-grande, e para penetrar no arraial depozeram antes as armas, assegurando daquella data em deante a mais perfeita amizade ao capitão-mór, pelo que se lavrou um auto de todo o occorrido,

Não tendo mais a quem impôr a paz na serra da Ibiapaba, e dispostas as coisas, partiu a expedição, engrossada agora com a gente dos novos alliados, e chegou ao Punaré (rio Parnahyba), donde pretendendo Pero Coelho seguir até o Maranhão, 40 leguas ao norte, oppuzeram-se os soldados que já iam soffrendo grande necessidade de alimentação e roupas, e levados pelo desespero tentaram alguns contra a sua vida.

Nestas circumstancias, depois de seis mêses de guerra, como diz Martim Soares, na sua Auto-biographia, sem se poderem mais sustentar, voltaram todos ao Seara.

Ahi deu o capitão-mór ao territorio o nome de *Nova Luzitania*, e ao logar o de *Nova Lisbôa;* e deixando Simão Nunes por capitão com 45 soldados, partiu para a Parahyba, de donde tencionava trazer sua familia e auxilio sufficiente para continuar a exploração dessas terras.

Logo que chegou, deu conta ao governador geral Diogo Botelho dos successos da expedição, e enviou-lhe os 10 francêses e alguns Indios, obtendo delle a promessa do soccorro preciso para manutenção da nova colonia.

Sufficientemente animado, embarcou-se com a mulher e filhos numa caravella no porto da Parahyba, e veiu ancorar no Seara, barra do rio do mesmo nome, onde havia deixado Simão Nunes. O seu regresso áquelle sitio devia ter sido em começo do anno de 1606, pois que havendo chegado a Ibiapaba em Janeiro de 1604, onde batalhou seis mêses, e mais anno e meio que gastou de ida e volta a Parahyba, só por esse tempo podia alli achar-se.

Na sua ausencia Simão Nunes havia construido um forte de taipa, que, como se vê no mappa já mencionado, foi denominado San Thiago.

Desenvolvia-se o povoado, melhoravam-se as condições de vida, quando o capitão-mór abriu lucta com os

Indios, aquelles mesmos que de bôa vontade haviam cedido ao seu convite, perseguia-os e vendia-os tão cruelmente, que deu o seu procedimento ensejo a que Diogo de Campos Moreno, seu contemporaneo, dissesse á pagina 160 da *Jornada do Maranhão* que o «governador tratava de que lhe mandasse parte dos Indios, como por cartas e ordens suas hoje parece, discorrendo que como de captivos era gente devida ás primicias de seu governo, entendendo disto os homens, que a jornada se havia feito somente para captivar e vender Indios, deram-se tão bôa manha que em breves dias venderam até aquelles, que fielmente os haviam ajudado e acompanhado na guerra.»

Convem notar que a *Jornada do Maranhão* foi escripta em 1615.

O Barão de Porto Seguro tem procurado salvar a memoria de Pero Coelho daquella accusação, mas acho sem fundamento a defesa, porque os seus contemporaneos o condemnam por ella sem remissão. Haja vista o que disse Campos Moreno, e o que Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brazil*, que foi publicada em 1627, no final do capitulo XXXVIII, do livro quarto, diz nestas palavras: «ajuda e soccorro que o governador lhe prometteu mandar, e não mandou por depois ser informado que se captivavão os indios injustamente e os trazião a vender e que seria melhor reduzillos por via de pregação e doutrina dos Padres da Companhia como depois tratou com o seu Provincial na Bahia.

O Padre Antonio Vieira, na sua *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba*, escripta depois de 1655 a 1660, anno em que esteve na mesma serra, começa dizendo: «Pelos annos de 1605 sendo já pacificadas as guerras que em Pernambuco forão mui porfiadas pelas violencias de certo capitão Portuguez etc, e como se occupa dos negocios desta capitania, dá facilmente a intender que se trata daquelle capitão-mór.

Não menos aspero a seu respeito é o Padre José de Moraes, no capitulo III da sua *Historia da Companhia de Jesus na provincia do Maranhão e Pará*, escripta em 1759.

Como prova incontestavel da verdade escreve Martim Soares na sua Auto-biographia: «Ahi (Seara) houve muitos desasocegos nos Indios por algumas sem razões que se lhes fizerão, assim foi forçoso a despovoar-se aquelle sitio, donde já era feita uma cidade em muito bom sitio onde eu tenho agora uma fortaleza, de maneira que em huma e outra parte se gastarão 3 annos, onde sempre assisti com muitos trabalhos sustentando-me com cobras e lagartos.

Martim Soares occupou, no seu governo, o mesmo sitio, que fôra occupado por Pero Coelho.

Depois do que ahi fica copiado da Auto-biographia, escripta em 1618, e do que dizem outros escriptores de nota, parece que não pode o capitão-mór eximir-se da falta de que é accusado.

O despovoamento do sitio, onde já era feita uma cidade, foi devido á irregularidade, si assim me posso exprimir, do seu procedimento.

Assim, tendo-se ausentado os Indios de *Nova Lisbôa* pelo receio de serem colhidos para o captiveiro, e reduzida a povoação á assistencia dos portuguêses, acabrunhados todos das maiores necessidades, instaram os soldados para que o capitão-mór transferisse o estabelecimento para Jaguaribe, onde por ser mais proximo do Rio Grande, facil lhes ficava qualquer soccorro de que por ventura viessem a precisar.

Accedeu Pero Coelho, e logo se passaram á margem esquerda daquelle rio, dando-se começo a um arraial proximo da barra, no logar onde está actualmente o pharol, e para livrar-se dos Indios que então o molestavam, construiu o capitão-mór o forte, a que denominou de S. Lourenço, naturalmente por ter sido prin-

cipiado em 10 de agosto de 1606,cuja planta vem representada na Carta Chorographica da primeira metade do seculo XVII, pertencente a uma collecção manuscripta junto ao Atlas n.º 114 do Gabinete Geographico da Bibliotheca Nacional de Lisbôa, de que possue copia o Barão de Studart.

Não ha duvida que foi alli que se erigiu o forte alludido, visto como, conforme verifiquei em 1889, vêem-se ainda restos de antigas habitações de taipa, e sobre tudo grossos troncos de madeira enterrados em linha numa especie de pequeno oiteiro. Os fortes e paliçadas eram por esse tempo levantados para defesa das povoações, e por isso é claro que a de Pero Coelho devia estar onde estivesse o forte, e pela posição deste na citada Carta Chorographica, se reconhece que foi edificado naquelle local.

Ha quem tenha escripto que o capitão-mór se estabelecêra na Passagem das Pedras, mas esta assersão cai por falta de fundamento, porquanto não se pode admittir que permanecendo o forte na barra do rio, residisse elle á 6 leguas, rio acima, tanto mais quanto pelo modo porque procedêra com os Indios, que não perdiam occasião de fazer-lhe todo o mal, não podia viver descuidado de inimigos tão temiveis e em tão grande distancia.

Convem firmar bem que, na sua marcha para a Ibiapaba, tendo encontrado toda a coadjuvação dos mesmos Indios, não teve elle necessidade de fazer construcções desta ordem nem aqui nem no Ceará, como de facto não fez.

O Sr. Joakim Catunda, nos seus *Estudos de Historia do Ceará*, á pagina 60, faz crer que o capitão-mór manteve o nome de *Nova Lisbôa* nesse logar do Jaguaribe, e o Senador Candido Mendes, na nota 3, á pagina 160 da *Jornada do Maranhão*, escreve que *Nova Lisbôa* suppõe-se ser a cidade do Aracati, outr'ora denominada Cruz das Almas.

Não é possivel; está hoje bem demonstrado com documentos que este nome foi dado ao sitio Arraial,

povoado pelo capitão-mór Manoel de Abreu Soares quando situou a sua sesmaria no Jaguaribe, obtida em 23 de Janeiro de 1681, sitio que sua viuva D. Maria de Siqueira e seu filho Paschoal de Lima venderam por escriptura de 6 de Dezembro de 1701 ao commissario geral Theodosio de Gracisman, já conhecido por Aracati.

As primeiras povoações do sul desta capitania só tiveram começo depois da concessão de sesmarias em 1680. Quando o capitão-mór Manoel de Abru Soarese pediu a sua, disse no requerimento que dirigiu ao Governador Geral da Bahia, que «o rio que chamam Jaguaribe nunca fôra povoado de brancos, e por isso pedia as terras por devolutas começando a medição da barra do rio para o sertão.»

O nome de *Nova Lisbôa* foi dado ao logar do Ceará-barra do rio do mesmo nome, onde estivera primeiramente Pero Coelho, ainda hoje conhecido por Villa-velha, e a prova disso está no Mappa attribuido áquelle explorador, que o representa sem coisa que duvida faça á margem direita do antigo rio Pirangy.

O Mappa contem estes dizeres: Descripção do verdadeiro descobrimento e nova conquista do Rio Jaguaribe, serras de Ariama, muibuapava e punaré e côfins do maranhão que fez o capitão-mór pero Coelho de Sousa de ordem de Diogo botelho Governador geral do estado do Brazil des do Anno de 1603 até o de 1608 com todos os seus portos, Barras, serras é Rios cõ suas nascensas.

A vista delle desapparecem muitas duvidas a respeito da topographia desta capitania naquella epoca.

Baldos de todo o recurso, e em extremo desalentados os povoadores da nova situação do Jaguaribe, pediu Simão Nunes permissão de passar a outra banda do rio com os soldados sob o motivo de irem buscar fructas, e logo que alli se viram, puzeram-se a caminho para o Rio Grande, abandonando o capitão-mór, que apenas ficára com 18 soldados invalidos e um

Indio de nome Gonçalo, o unico que se recusára a acompanhar os demais de sua tribu, que por essa occasião fugiram tambem.

Sem bote nem jangada, nem recursos com que construisse qualquer embarcação, achou-se Pero Coelho em difficeis condições de fazer a passagem do rio e buscar a capitania proxima.

Os embaraços que encontrou para emprehender logo a viagem vêm confirmar a minha opinião de que nesse tempo o rio Jaguaribe corria com porção de agua das nascenças ao oceano, conforme se lê á pagina 250 da *Revista do Instituto* de 1901, attendendo-se que não é possivel que um destemido explorador, como era o capitão-mór, deixasse de o conhecer até certa distancia ; e si por ventura este rio já cortasse, como vulgarmente se diz entre nós, quando secca formando poços aqui e alli, elle o teria atravessado no primeiro logar enxuto, e pela outra margem desceria até a praia.

Convem notar que tudo isso se passava na quadra do verão, e do Mappa vê-se que o rio está desenhado indicando longa extensão.

Não podendo mais demorar-se nessa desgraçada situação, com raizes de mangue improvisou o capitão-mór uma jangada, que comportava pouco peso, e só depois de muito trabalho e por diversas vezes poude elle transportar para o outro lado do rio a familia e os que se achavam em sua companhia.

Sem perda de tempo partiu a caravana, marchando na frente os filhos em numero de cinco, logo após os soldados, e traz destes elle e D. Thomazia, sua mulher.

A estação era a mais terrivel em consequencia da secca, que se declarára com todos os seus horrores. O sol de fogo incendiava os campos, despia da folhagem as arvores, exhauria as fontes e esbraziava a terra. Por toda a parte a tristeza e a desolação de uma natureza incandescente.

Logo que o dia alteou, tornaram-se tão quentes as

areias que queimavam os pés das creanças e faziam-nas chorar de insoffrimento. A mãe consolava-as tristemente com lagrymas na voz occultando a dôr que lhe traspassava o coração.

No segundo dia, o capitão-mór carregava ás costas dois filhos menores, que já não podiam andar e pediam aos gritos agua para matar a sêde, que mais se exacerbava á acção do excessiva calor.

Só no fim do terceiro dia, pela noite foi que se encontrou uma cacimba, junto da qual se arrancharam durante dois dias, e munidos dagua em duas cabaças, que arranjára o Indio Gonçalo, continuaram a viagem evitando cautelosamente os Tapuyas que percorriam os arredores e lhes observavam os movimentos. Eram os terriveis Payacús, que assistiam entre o Piranhas, Apody e baixo Jaguaribe.

A fome e a sêde mais que tudo abatiam as forças e a coragem até dos mais fortes, e no meio das maiores afflicções e temores colheu a morte a primeira victima. Finára-se o soldado, que exercia o officio de carpinteiro.

Era impossivel um passo mais adeante, e todos se teriam deixado ficar para ter a sorte do infeliz companheiro, si não fôra a disposição do capitão-mór, que os animára promettendo dentro em pouco agua e alimento.

Accederam, mas não longe dalli falleceu outro soldado. Ahi D. Thomazia, desfeita em pranto e tendo em torno de si todos os filhos, supplicava ao marido procurasse salvar sua vida, e os deixasse morrer alli mesmo onde acabára aquelle bom companheiro, pois que já não podiam caminhar de fome e de sêde.

Choravam os soldados em presença de tão tocante espectaculo, e Pero Coelho apresentando animo que já não tinha, e dissimulando a grande dor de que se achava possuido, garantia com vehemencia muito perto ficava uma cacimba, na qual poderiam saciar-se á vontade.

Ergueu-se o bando de cadaveres ambulantes, e, impellido por vaga esperança continuou a andar por aquelles areaes até junto da cacimba, que mais lhe aguçou a in-

tensidade da sêde. Subito, se lhe desperta certa animação, correm todos á agua, mas não a podem tragar; era esta tão amarga, que a repellem labios sequiosos.

Continuando o tormentoso itinerario, já então por dentro dos mangues, que atravessaram cerca de meia legua, mettidos na lama até aos peitos, na passagem apanhavam e comiam aratús, ainda vivos, com tal gana, como se fôra delicioso manjar, e depois de muito trabalho chegam a outra cacimba, denominada Bôa-maré, de agua excellente, onde se detêem por alguns dias.

Passaram depois ás Salinas, e dalli viram velejando o barco que transportava os Padres Francisco Pinto e Luis Figueira, e por mais que gritassem e fizessem signaes para ser apercebidos da gente de bordo, sumiu-se o barco na extrema do horisonte. Esta passagem devia ter-se dado no fim do mês de Janeiro de 1607, pois que affirma o Barão de Porto Seguro, na sua *Historia do Brasil*, tomo 1.°, pagina 315, que os Padres embarcaram em Pernambuco a 20 daquelle mês e anno; si bem que o P.e Fernão Guerreiro, na *Relação annual dos Padres da Companhia de Jesus*, que trata das *Coisas do Brazil*, de 1602 a 1608, contemporaneo dos mesmos Padres, escreva que partiram a 5 de Janeiro do referido anno.

Eram terribilissimas as condições dos caminhantes; alguns já não andavam, arrastavam-se ao peso do enfraquecimento, e depois de alguns dias de viagem, finou-se o filho mais velho do capitão-mór, que contava 18 annos.

Muito difficilmente pode uma penna amestrada descrever, com vivas côres, a magua dos paes em transe tão angustioso; por isso me despenso dessa tarefa.

Esteve, no emtanto, a findar aqui este drama de lagrymas e de dores com o anniquilamento de todos, uma vez que o proprio capitão-mór, perdendo a virilidade de espirito ante tamanha desgraça, resignára-se a ter sepultura ao lado do filho com os entes que lhe eram caros; D. Thomazia, porem, revestindo-se de coragem e força superiores á delicadeza de seu sexo, exigiu do marido mais um pouco de sacrificio, incitava os filhos a prose-

guir, encorajava aos outros, e apresentava um valor sobrehumano.

Iam todos animados de um resto de estimulo despertado pelas palavras daquella heroina, e logo adeante refrigeraram-se com a agua que o capitão-mór, ajudado por dois soldados mais dispostos, tinha ido buscar a 6 leguas de distancia.

Foi de pouca duração o allivio, porque continuaram os mesmos tormentos, e o sol não abrandava as suas chammas, nem as areias o seu calor.

Tinham aquelles infelizes já perdido toda a esperança de salvação e repoiso na terra da patria pela impossibilidade de chegar ao termo de tão dolorosa jornada, que se tornava de dia a dia mais difficil de vencer; lastimavam-se uns, outros mais, resignados, entregavam-se á protecção do ceu.

No momento supremo do longo padecer, viu alguem lá ao longe, na meia sombra da distancia, alguma coisa que se movia. Fixaram anciosamente os olhos turbados pela muita luz do sol, e depois de algum tempo, alcançaram distinguir vultos de homens, que vinham pela praia em direcção a elles. A certeza do encontro de seres humanos despertou-lhes novas forças de vida, expandiram-se todos os corações, e em muitos rebentaram lagrymas de alegria.

Não durou muito a anciedade; horas depois chegava o vigario do Rio Grande, que, tendo sido informado pelos soldados de Simão Nunes do que se passava relativamente ao abandono do capitão-mór, corrêra ao seu encontro, acompanhado de muitos Indios, que traziam agua, mantimentos e redes para transporta-lo e aos companheiros.

O vigario, P.e Manoel Correia Soares, segundo os *Apontamentos noticiosos* de Manoel Gonçalves Branco escriptos em 28 de Dezembro de 1795, desfazia-se em pranto dando a beijar o crucifixo a homens, que mais pareciam caveiras sobre ossos, como vivamente descreve Frei Vicente do Salvador, e depois de ouvir a tristissima

narração dos seus soffrimentos durante a horrorosa travessia daquelles desertos, condu-los a Natal, donde, depois de fortalecidos, passaram á Parahyba.

Dalli embarcou Pero Coelho para a Hespanha afim de requerer a paga dos seus serviços, e nada tendo obtido, foi residir em Lisbôa, e nesta cidade acabou seus dias pobre e ralado de desgostos.

Eis quanto se sabe da vida e explorações de Pero Coelho de Sousa, primeiro capitão-mór do Ceará, em vista de documentos e do que escreveram historiadores contemporaneos.

ANTONIO BEZERRA.

Barro Vermelho—Julho—1903.

